



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10462 - Resumo Expandido - Pôster - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

TRAJETÓRIAS DE FORMADORES/AS DE EDUCADORES/AS DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS NO BRASIL

Clarice Wilken de Pinho - FAE - Faculdade de Educação da UFMG

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

TRAJETÓRIAS DE FORMADORES/AS DE EDUCADORES/AS DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS NO BRASIL

Esta pesquisa tem como objetivo compreender o trabalho realizado por formadores/as de educadores/as de pessoas jovens e adultas, buscando analisar quando, onde e como atuaram ao longo de suas trajetórias. Nossas reflexões buscam aprofundar as discussões acerca dos fundamentos necessários para a formação de educadores/as da EJA - Educação de Jovens e Adultos -, considerando suas especificidades. Como caminho metodológico realizamos um levantamento de nomes de referência na história da EJA no Brasil e selecionamos cinco formadores/as de diferentes regiões do país, com trajetórias diversificadas: Maria Amélia Gomes de Castro Giovanetti (MG), Timothy Denis Ireland (PB), Elza Maria Fonseca Falkembach (RS), Edna Castro de Oliveira (ES) e Sérgio Haddad (SP). Optamos por compreender suas trajetórias através da história oral de vida, uma vez que tal metodologia permite resgatar as memórias significativas destas pessoas. Devido à atual situação em que nos encontramos com a Pandemia de Covid-19, as entrevistas estão sendo realizadas por videochamadas ou, quando presenciais, com medidas de distanciamento. Consideramos que o presente trabalho contribuirá para o debate acerca do corpo de conhecimentos necessários para a formação de profissionais para atuarem nesta área, portanto, para a busca da qualidade na EJA.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos; Formação de educadores; Formadores.

Compreender a Educação de Jovens e Adultos ^[1] – EJA – é um trabalho que necessita considerar a diversidade dessa modalidade, assim como suas características próprias e o contexto cultural dos grupos atendidos. Seguir estes passos ajuda na construção de uma educação de qualidade, com atenção às especificidades dos/as educandos/as e à formação necessária aos/às educadores/as (SOARES, 2011).

Arroyo (2017, p. 7) aponta para a exigência dos/as educadores/as à procura de reinventarem “*artes, pedagogias, conhecimentos, currículos de sua formação inicial e continuada*”. Tratando-se de pessoas jovens e adultas com um novo itinerário, em busca de seus direitos à educação, ao conhecimento e à cultura, somos obrigados a avançar na formação dos/as educadores/as.

Silva (2013, p.150) afirma que a formação do/a educador/a da EJA está ganhando cada vez mais visibilidade, *“na medida que a Educação de Jovens e Adultos vem, de forma acelerada, buscando espaços cada vez mais importantes no cenário mundial e nos debates desse campo de estudos”*.

Partimos do pressuposto de que há um legado da Educação Popular na história da EJA. Com Fávero (2013, p. 55), podemos afirmar que boa parte dos avanços da EJA em relação ao antigo Ensino Supletivo são *“provindos da Educação Popular”*.

Conforme Jara (2020, p. 21), Educação Popular é entendida *“como fenômeno sociocultural (cujos antecedentes remontam ao século XIX e se desenvolvem com particular força a partir da década de setenta do século XX, sob a influência de Paulo Freire)”*. Tal força se dá, principalmente, por sua obra *Pedagogia do Oprimido*, escrita no exílio no Chile e publicada no Brasil em meados de 1970. Justificando o referido livro, aponta Freire (1987, p. 17): *“Pedagogia do Oprimido: aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade”*.

A história da Educação Popular no Brasil remete a um tempo de obscuridade vivido pela ditadura militar (1964-1985), trazendo elementos para compreendermos como aquelas pessoas, homens e mulheres protagonistas de processos de mudança social, realizaram ações insurgentes e *“souberam criar, recriar, sistematizar e espalhar pelo mundo algo como essa educação de que se fala aqui”* (BRANDÃO, 2020, p. 16).

O objetivo principal desta pesquisa é dialogar com estes protagonistas que surgiram no cenário da EJA na década de 1970. Nossa questão central é identificar quando, onde e como os/as formadores/as de educadores/as de pessoas jovens e adultas atuaram ao longo de suas trajetórias.

A busca por nomes de referência na história da formação do/a educador/a da EJA no Brasil se deu, principalmente, nos eventos mais expressivos da área, como: o Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos - ENEJA -; o Grupo de Trabalho de Pessoas Jovens e Adultas - GT 18 - da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação - ANPED - e os Seminários Nacionais de Formação do Educador de Jovens e Adultos. Selecionamos cinco formadores/as com trajetórias diversificadas: Maria Amélia Gomes de Castro Giovanetti, Belo Horizonte/MG, professora aposentada da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG -; Timothy Denis Ireland, João Pessoa/PB, professor da Universidade Federal da Paraíba - UFPB -; Elza Maria Fonseca Falkembach, Ijuí/RS, professora aposentada da Universidade de Ijuí - UNIJUÍ -; Edna Castro de Oliveira, Vitória/ES, professora aposentada da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES - e Sérgio Haddad, São Paulo/SP, coordenador da Ação Educativa e professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul - UCS.

Como critério de escolha buscamos contemplar homens e mulheres de diferentes regiões do país, com suas trajetórias perpassando tanto universidades como outros espaços formativos. Dialogando com Arroyo (2006, p. 18) podemos afirmar que a formação do/a educador/a da EJA se dá nas diversas esferas das Instituições Superiores, mas também nos Movimentos Sociais, nas Secretarias Estaduais e Municipais, nos fóruns e demais encontros da área:

Um aspecto que talvez tenha sido muito bom para a própria EJA é o fato de ela não ter conseguido nunca, ou nem sequer tentado, conformar-se no sistema educacional. Isso fez com que não se tentasse também conformar a formação do educador e da educadora da EJA num marco definido. (ARROYO, 2006, p. 18)

Optamos por compreender suas trajetórias através da história oral, uma vez que tal metodologia permite resgatar as memórias significativas destas pessoas. Este trabalho, portanto, destaca as virtualidades e os alcances da entrevista narrativa a partir de Benjamin (1996, p. 205), considerando-a “*algo parecido a uma forma artesanal de comunicação. Não pretende transmitir o puro ‘em si’ da coisa (...). Mergulha a coisa na vida de quem relata, a fim de extrai-la outra vez dela*”.

Até o momento, realizamos quatro das cinco entrevistas previstas. Três por videochamadas e uma presencial, com medidas de distanciamento devido à atual situação em que nos encontramos com a Pandemia de Covid-19.

Como hipótese, acreditamos que os/as formadores/as de educadores/as da EJA influenciam a formação de outras pessoas de acordo com as diversas experiências nas quais se envolveram ao longo de suas trajetórias, portanto, no período histórico de efervescência da Educação Popular no Brasil e na América Latina. Buscando uma metáfora para contribuir com tal hipótese apresentamos uma árvore de copa exuberante, cujas raízes foram adubadas e o caminho por onde percorreu o seu tronco pode contribuir com a alimentação de novas folhas e novos frutos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARROYO, Miguel. Formar educadores e educadoras de jovens e adultos. In: SOARES, Leôncio José Gomes (org.). *Formação de educadores de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ARROYO, Miguel G. *Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa*. Petrópolis: Vozes, 2017.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Obras Escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Sobre a educação que se atreveu a ser “popular”. Sobre a educação que se atreveu a ser “do oprimido”. In: JARA, Oscar. *A educação popular latino-americana: histórias e fundamentos éticos, políticos e pedagógicos*. São Paulo: Ação Educativa; CEAAL; ENFOC, 2020.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: 1996. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em: 18 de junho de 2021.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Parecer CNE/CEB nº 11/2000. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos*. Brasília: maio de 2000. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.Br/cne/arquivos/pdf/pceb011_00.pdf>. Acesso em: 18 de junho de 2021.

FÁVERO, Osmar. Paulo Freire, Movimentos Sociais e Educação de Jovens e Adultos. In:

- STRECK, D. R.; ESTEBAN, M. T. (orgs). *Educação Popular, lugar de construção coletiva*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- JARA, Oscar. *A educação popular latino-americana: histórias e fundamentos éticos, políticos e pedagógicos*. São Paulo: Ação Educativa; CEAAL; ENFOC, 2020.
- SILVA, Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues. *Elementos para a construção das especificidades na construção da formação do educador da EJA*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- SOARES, Leôncio. As especificidades na formação do educador de jovens e adultos: um estudo sobre propostas de EJA. *Educação em Revista*, ago. 2011, vol.27, no.2, p.303-322.

[1] Optamos por manter o significado da sigla EJA - Educação de Jovens e Adultos - conforme consta nos documentos oficiais que normatizam esta modalidade educativa no Brasil (BRASIL, 1996; 2000). Em outras partes do texto, buscamos contemplar a variação de gênero das palavras, uma vez que dialogamos com três formadoras e dois formadores, seguindo com Hooks (2013, p. 233): “fazemos das nossas palavras uma fala contra-hegemônica, libertando-nos por meio da língua”.